
**VOULEZ VOUS UN CAFÉ:
CULTURA E CONSUMO NA MANAUS DO SÉCULO XIX-XX**

Tatiana de Lima Pedrosa Santos¹
Tammy Rosas Ramos²

RESUMO

A inquietação com a prosperidade e com o progresso pode ser entendida como uma das primeiras e mais essenciais preocupações dos ideais liberais. Com a chegada das inovações tecnológicas do final do século XIX, assim como nos problemas que seu decorrer veio a apresentar, a manutenção da ordem e de uma vida sem os males sociais, bem como o *status*, apenas mostrou-se mais almejada pela sociedade durante esse período. Já no início do século XX, em decorrência de uma cadeia de mudanças globais, iremos ver uma série de transformações que também tangenciarão os hábitos diários da população, típicas do fetichismo capitalista. E nesse cenário, a Manaus da virada do século XIX para o XX não fugirá a esta regra. Esse “espírito alegre da vida parisiense” contagiará os modos e os costumes dos que viviam esses “novos ares”, e isso há de ser materializado. Esta pesquisa tem a ver com a imaterialização desses hábitos nas louças brancas. Pretende-se, através das louças brancas da Manaus da Belle Époque, apresentar as expressões de um costume de época impresso nas mesmas, e também relacioná-las com o período histórico em que foram cingidas e forjadas. Ao tentar perceber como desempenhavam um papel importante na sociedade, ancoradas pelo significado simbólico, e quais as dinamicidades estavam envolvidas entre consumo e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Louças Brancas; Belle Époque Manauara; Arqueologia Histórica; Fetiche capitalista; Simbolismo.

ABSTRACT

The restlessness with prosperity and progress can be understood as one of the first and most essential concerns of the liberal ideals. With the arrival of the technological innovations of the late 19th century, as well as in the problems that their progress came to present, the maintenance of order and a life without the social contractions, as well as the *status*, it was only shown to be more desired by society during this period. In the early 20th century, as a result of a global chain of changes, we will see a series of transformations that would also

¹ Doutora e Mestre em História pela PUC-RS, com área de concentração em Arqueologia. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UEA. Arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM). Líder do grupo de pesquisa do CNPq – NIPAAM. Coordenadora dos projetos de pesquisa: Chamada Universal; Arqueologia, Patrimônio e Cultura: o lugar de nossas memórias. E-mail: tatixpedrosa@yahoo.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH). Bacharela em Arqueologia pela UEA. Pesquisadora no grupo de pesquisa do CNPq – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica – NIPAAM. Pesquisadora no projeto pelo CNPq – Universal. Também pesquisadora em Arqueologia Histórica. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM). E-mail: tammy.rosas@outlook.com

tangentify the daily habits of the population, typical of capitalist fetishism. And in this scenario, Manaus from the turn of the 19th century to the 20th will not escape this rule. This "joyful spirit of Parisian life" will infect the ways and customs of those who living these "new airs", and this is to be materialized. This research has to do with the materilization of these habits in the white crockery. It is intended, through the white crockery of the Manaus of the Belle Époque, to present the expressions of a custom of time printed on them, and also relate them with the historical period in which they were girded and forged. Trying to perceive how they played an important role in society, anchored by symbolic meaning, and which dynamicities were involved between consumption and society.

KEYWORDS: White crockery; Belle Époque Manauara; Historical archaeology; Capitalist fetish; Symbolism.

UMA NOVA MANEIRA DE CONVIVER: FETICHE, CONSUMO E LOUÇAS (XÍCARAS)!

A questão econômica, indo do passado para o presente e deste para aquele, traz implicações políticas e sociais no ato de se tentar interpretar o passado, empreendido por arqueólogos, historiadores e pesquisadores de áreas com este interesse. Esta questão é de incomensurável responsabilidade. Precisa-se ter em mente que os processos de "desenvolvimento" não são tão exatos quanto parece. O consumo pode ser visto, neste devir, por finalidades ou forças culturais, as quais se oferecem para desconstrução.

É o caso desta pesquisa, que toma como ponto de partida a necessidade de entender a presença de um número tão grande de louças brancas em sítios históricos específicos e que estão depositados no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza. São mais de mil fragmentos resgatados e mais de novecentos analisados e inventariados, sendo estes de diferentes lugares, fábricas e técnicas de produção. Olhando além do uso funcional dessas louças é possível entrever seu uso simbólico que, por sua vez, nos leva a questionar sobre o modo de vida e principalmente sobre a convivialidade entre diferentes classes sociais na Manaus Antiga da virada do século XIX para o XX, período histórico convencionalmente chamado Belle Époque, quando a cidade passa por períodos economicamente e socialmente distintos.

As louças fazem parte de um contexto de sítios histórico-arqueológicos (Sítio Glacial, Sítio Catedral, etc.) da cidade de Manaus, que vêm sendo paulatinamente estudados pelo

grupo NIPAAM (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica), no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC-AM).

Essa pesquisa espera somar com estudos já em andamento no Brasil há algum tempo, e que dão destaque a análise acurada de uma investigação que tenha como objeto de estudo as louças brancas, sua circulação e comercialização, e importância no que tangencia ao início da industrialização brasileira (SOUZA, 2012; SYMANSKI, 2002; LIMA, 1995).

À priori se mensura a possibilidade de que as louças brancas da Belle Époque nos possibilitará fazer um levantamento histórico e social, a fim de resgatar os costumes e o modo de vida da população do período que acabou transpondo, de certa forma, na cultura material aqui estudada, o que nos faz entrever uma sociedade em que o espírito comercial estará voltado ao estilo inglês, mas que o *“modus vivendi”* será pautado em hábitos tipicamente franceses.

Destarte ao encararmos as louças brancas deste período como um agente propulsor de parte das transformações tecnológicas ocorridas durante esse período de transição, de característica marcadamente efervescente, se faz premente no que tangencia a região norte.

O conjunto de pratos, xícaras, pires que se encontra depositado na reserva técnica do Laboratório Alfredo Mendonça aponta para uma perspectiva de se compreender uma lógica cultural necessária na compreensão dos conflitos econômicos dos chamados fetiches de consumo característicos do capitalismo aplicados às peculiaridades da região norte.

Como compreender a lógica massiva da quantidade de louças históricas? Em que se questiona sobre a dominância do objeto sobre o indivíduo de época? Em que nos faz entrever que este mesmo indivíduo era criador e produtor, mas num dado momento se tornava apenas detentor de um objeto que era parâmetro para um status social, símbolo ou representação/característica de um indivíduo que vinha de “boa família”, e que, portanto, tinha boas condições financeiras e podia frequentar os melhores lugares de Manaus. Essa ligação com a cultura material das louças brancas da Manaus da Belle Époque nos diz muito sobre este indivíduo, sobre seu cotidiano, e o tipo de convivialidade estabelecida durante esse período (CERTEAU, 1990).

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1990; 40)

De acordo com Sahlins (2004), em que medida a apropriação cultural que as pessoas fazem de condições externas que elas não criam, ou que de certa maneira não podem escapar, constitui o próprio princípio de sua ação histórica? A questão não estaria em tentar desconhecer as forças devastadoras modernas, mas encarar também o devir histórico como processo cultural. Onde nos faz entrever que essas xícaras, esses bules e esses pires serviram em muitas instâncias para solidificar uma postura que pudesse representar *status*, legitimando seu agente social num ato discricionário de diferenciação sociocultural?

As louças falam sobre relações sociais, culturais, políticas e econômica de uma Manaus em plena transformação. As louças estavam presentes nos cafés da Eduardo Ribeiro, nos Armazinhos da Rua Municipal, nos Armazéns, nos comércios que vendiam da mais alta tecnologia, nos navios a vapor que chegavam e partiam, em casa, em praticamente todos os ambientes de convívio e troca social. Elas têm capacidade para falar de poder, de ambientação, de como podia se portar e de quais comportamentos não eram aceitáveis.



Figura 1. Avenida Eduardo Ribeiro, 1901-1902.
Autor: F.A. Fidanza.

Ora, estamos tratando de um período de refundação da cidade de Manaus, em que o Estado começa a se espelhar na crescente industrialização das cidades europeias para fazer intervenções no espaço urbano (MESQUITA, 2006). Essa preocupação com o embelezamento, higienização, sanitização da cidade, vai contagiar não só as esferas públicas, mas também será transposta para as esferas privadas.

É também entre o período de 1890 e 1920 que ocorre a “*expressão de euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas*” (DAOU, 2000; 10).

No caso, entendemos por modo de vida burguês as formas de comportamento decorrentes da ideologia de privatização que se consolidou na Europa ao longo do século XIX, paralelamente aos avanços da industrialização, valorizando o individualismo, as fronteiras entre o público e o privado, o universo familiar e a ritualização da vida cotidiana, a acumulação de capital (tanto real quanto simbólico), os critérios de “respeitabilidade”, a fetichização do consumo e a ascensão social (LIMA, 1995, p.2).

É nessa esfera, cuja perspectiva é desenvolver o consumo, em que há estreitas conexões entre diferentes regiões, que ocorre o surgimento do modo de vida burguês na

região Norte, principalmente em Manaus e Belém. Esse modo de vida acompanhará essa refundação da cidade (MESQUITA, 2005) à medida que se dá o boom econômico do látex, indo ao encontro das aspirações de uma elite manauara que tem o intuito de transformar a cidade comparando-a com o estilo de vida parisiense.

É certo que a economia da borracha insere essa região, antes em isolamento, na economia internacional. O que, de certa forma, impõe uma dinamicidade própria do decorrer do século XIX, em que a liberalização das economias fazia funcionar e crescer em suas partículas básicas, operações que se estendiam a partes cada vez mais remotas do planeta. O que, por sua vez, implicava transformações profundas nessas regiões (HOBSBAWM, 1987).

A economia da Era dos Impérios foi aquela em que Baku (no Azerbaijão) e a baía de Donets (na Ucrânia) foram integradas à geografia industrial, ao passo que a Europa exportava tanto bens como moças a cidades novas como Johannesburgo e Buenos Aires, e aquela em que teatros de ópera foram erguidos sobre os ossos de índios mortos em cidades nascidas do Boom da borracha a 1600 quilômetros rio acima da foz do Amazonas (HOBSBAWM, 1987, p.50).

Civilização e progresso eram as palavras em pauta no final do século XIX. Então, durante o governo de Eduardo Ribeiro, Manaus foi modernizada para se encaixar nos moldes mais elevados da *Belle Époque*. Novos prédios, novos hábitos, novos costumes e novas normas (DIAS, 1999). O Código Municipal de Manaus, de 1893 possui caráter restritivo a algumas posturas e hábitos indesejáveis, ao mesmo tempo que estimulava atitudes apropriadas de uma cidade modernizada (DAOU, 2000).

Investiu-se nos aterros dos igarapés, calçamento das ruas fazendo com que Manaus ganhasse o aspecto de centro urbano, construção de prédios públicos, iluminação, tudo forjado com o intuito de fazer Manaus ser aceita como um lugar habitável e moderno (DIAS, 1999).

Art. 13 – Os edifícios de alvenaria ou taipa existentes dentro do perímetro urbano sem reboco e os que para o futuro se fizerem devem ser rebocados e caiados ou pintados, os primeiros dentro de um ano depois da publicação deste Código pela imprensa e os últimos seis meses depois de terminados, sob pena de multa de 30\$000, ou seis dias de prisão. O infrator sofrerá pena dobrada toda vez que trinta dias depois da intimação do Fiscal não tiver cumprido esta disposição (SAMPAIO, 2016, p.98).

Novos bairros foram construídos, os estrangeiros que mudavam para Manaus, ou os comerciantes e trabalhadores que estavam “de passagem”, começaram a ocupar a nova Manaus iluminada pela borracha. É notável a mudança abrupta da arquitetura; as casas residenciais eram pomposas e muito diferentes das que serviam como locais de trabalho. Quem possuía o maior terreno também possuía o maior respeito. Havia uma diversidade discrepante de estilos, principalmente arquitetônico, mostrando também uma diversidade étnica de americanos e europeus que passaram a viver aqui.

Ocorre que, antes do período da *Belle Époque*, Manaus não conhecia o termo burguesia ou elite. Havia sim as pessoas mais “cultas”, que lidavam com a burocracia e bom funcionamento da cidade, mas não havia a elite dos senhores de pasto como em Belém. Essa elite foi formada por uma memória coletiva no período áureo da borracha (SANTOS, 1980), deixando uma maioria populacional em zona periférica, como meros figurantes na história de Manaus. Quanto mais uma Manaus moderna e civilizada (SANTOS JÚNIOR, 2013) se vendia lá fora, mais pessoas chegavam para tentar a sorte de uma vida melhor.

O desafios e tentações de se viver numa cidade que muito prometia atraiu uma leva considerada de gente que vinha em busca da prosperidade e das oportunidades. Nesta última há de se destacar os fluxos próprios de quem vivia do comércio (PEDROSA, 2015, p.5).

A população elitizada de Manaus começa a adquirir um gosto particularmente europeu. Costumes como o “chá da tarde” são trazidos junto com os estrangeiros que aqui abrem seus cafés e restaurantes. Mas como alcançar a maioria marginalizada, e que sentia a necessidade de fazer parte da *Belle Époque*, para fazer parte da elite? Esse tipo de ascensão que o capitalismo local proporcionava será a mola propulsora do comércio na região. Exemplo desse alcance é dado por Pedrosa (2015) com relação a uma louça produzida nacionalmente, mas com dono estrangeiro que também foi encontrada na escavação da Igreja da Matriz:

A Baratinha, traz em seu nome o que o Sr. Viégas pretendia montar em termos de café nas ruas da efervescente capital: um estabelecimento que oferecesse produtos de baixo custo. Aproveitando-se de seus dotes culinários, o café rapidamente logra o sucesso sendo transformado em restaurante. Este por sua vez não só oferece preços acessíveis, como também a “diversidade de alimentos” (PEDROSA, 2015, p.6).

Durante esse período veremos o intenso comércio de produtos esteticamente parecidos com os que a elite manauara usava, mas de matéria-prima diferente e preços mais baixos. As porcelanas cada vez mais caras, pelo seu modo de fazer mais demorado e sua maior delicadeza, abriram as portas para entrada de produtos mais baratos nos estabelecimentos e casas, como a faiança e a faiança fina. Esses estabelecimentos como cafés e restaurantes, eram pontos de trocas sociais, utilizados para se firmar como *ser social* na época da borracha. O ato de frequentar esses lugares e utilizar essas louças extravasa seu uso funcional e viram práticas sociais, onde mostrar poder aquisitivo mostrava também poder social. Isso causava certa tensão social na época que pouco é discutida quando se fala de *Belle Époque* manauara.

Tabela 1. Quadro esquemático de algumas marcas já inventariadas no Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça.

MARCA	PERÍODO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE NO LAB.
Imperial Ironstone Ware	Séc. XIX e XX - 1813 - 1930	1
Taylor Smith e Taylor Co.	Séc. XIX e XX - 1900 - 1981	3
W.H. Grendley England	Séc. XIX e XX - 1880 - 1930	18
Johnson Bros	Séc. XIX à XXI - 1873 - 2002	33
I.R.F.M - São Paulo	Séc. XIX e XX - 1892 - 1980	65
Pozzani	Séc. XX e XXI	3
CERAMUS	Séc. XX	53
ZAPPI	Séc. XIX e XX	15

Fonte: Autoras, 23 de Abril de 2018.

Ao observar as louças como objetos encravados na expectativa e prospecto consumista, almejamos tributar uma exposição dos tipos variados de representação que as louças deixam entrever nas hipóteses e fatores próprios à sociedade em que o mesmo se insere.

Neste contexto de pesquisa os muitos pratos, pires e xícaras, são um ilustrativo de como a sociedade em questão sofrerá uma transformação. A transformação que trata de

um cotidiano através do seu modo de fazer e seu modo de usar. Posiciona-nos sobre as práticas, o comércio intenso comprovado na época da borracha, o costume de frequentar os mais elitizados restaurantes e cafés, ou não, mesmo com uma renda baixa ser capaz de sentar à mesa de um restaurante com louças mais baratas, porém fetichizadas através das práticas consumistas. O ato de usar, decorar e se explicar através dos objetos, através das louças brancas, ilustra algo sobre as relações sociais esquecidas em detrimento dos grandes acontecimentos da Manaus da Belle Époque e também depois dela.



Figura 2. Recorte do jornal “O Bond”, setembro de 1906, anúncio de loja de louças.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

As louças da Manaus da Belle Époque nos lembram que é preciso cada vez mais alargar nossos conhecimentos, em detrimento de uma pesquisa interdisciplinar na qual se pese e se considere discussões teóricas mais abrangentes na nossa relação com a cultura material.

Esta talvez seja uma perspectiva que vai ao encontro da Arqueologia Histórica, que se empenha em explanar dentro das Ciências Humanas e Sociais o papel que as coleções tomam na contribuição para determinadas pesquisas. Trigger (2004) afirma que o homem sempre teve curiosidade quanto ao seu passado. Essa curiosidade teria ajudado a dar início às coleções arqueológicas, que até então eram simplesmente coleções.

Enfim, pode-se constatar sem risco de errar que a qualquer objeto natural de que os homens conhecem a existência e qualquer artefato, por mais fantasioso que seja, figura em alguma parte nem museu ou numa coleção particular. Mas, como se pode então caracterizar, em geral, e sem ceder às tentações do inventário, este universo composto de elementos tão numerosos e heteróclitos? O que tem de comum uns com os outros? (POMIAN, 1984, p.53).

Ao mesmo tempo, se faz premente dar-se conta de que a arqueologia histórica ainda necessita romper com muitas barreiras construídas por uma versão empobrecida de práticas histórico-culturalistas, que apregoavam uma visão puramente descritiva e organizacional para a cultura material histórica. Os olhares apenas recaem sobre o macro dos sítios históricos, fazendo com que a Arqueologia Histórica fique no papel de disciplina de apoio para outras ciências como a História e a Antropologia, quando na verdade as três andam de mãos dadas na busca por uma pesquisa mais abrangente, seja através de documentos escritos, estudos etnográficos, ou pela cultura material arqueológica.

Essa é uma perspectiva que pode vir a somar e contribuir no que diz respeito às discussões teóricas na Arqueologia e História, ainda remanescentes e ligadas às culturas de consumo.

Considerando que a Arqueologia Histórica cresce em virtude de chamar para si, a responsabilidade em se fazer uma pesquisa que abarque ou que procure um diálogo e contextos que possam dar conta de uma análise de diferentes conjunturas, urge avaliar o caráter multifacetário do passado sendo necessário nos preocuparmos também com a leitura do que é materializado através dos pequenos objetos (DEETZ, 2010).

Essa elite, ainda em formação, constituída no final do século XIX e início do Século XX, segundo Symanski (2002), pode ser melhor abordada através da arqueologia histórica, que encontra-se numa posição privilegiada para investigar as formas como esse modo de vida instala-se e dissemina-se no Brasil do século XIX. Esse papel determinante da cultura

material nessa estruturação e reprodução de vidas, no que tangencia suas relações sociais, já tem sido demonstrado por Lima (1985) há algum tempo em suas pesquisas.

Deste modo, é extraordinário perceber que apesar do sistema capitalista introduzir um modelo sistemático e global no que tangencia as práticas do consumo, esses contextos, principalmente no que confere as suas relações sociais, também irão reproduzir características próprias e simbólicas.

Nas duas últimas décadas do século XIX, essas conexões intensificam-se, possibilitando a incorporação da Amazônia como parte crescente do mercado internacional. O volume de exportação da borracha começa a tomar destaque no conjunto das exportações da região. Ao dinamismo promovido pela economia gomífera a partir dos anos 1880, correspondeu a chegada de pessoas, capitais e mercadorias, o que facultou para as elites da Amazônia uma situação de riqueza e prosperidade únicas (DAOU, 2000, p.17).

No caso da região norte, teremos um impacto importante do uso, venda e circulação dessas louças na implantação e afirmação do sistema capitalista durante o período da borracha, já que as mesmas terão participação no que tangencia sua comercialização, dentre outras maneiras ligadas a prática do aviamento na Amazônia. Essa prática comercial e financeira será apropriada pelo capitalismo europeu e ampliada na sociedade amazônica com a economia gomífera.

Portanto, o termo aviar, na Amazônia, significa fornecer mercadoria a crédito. As condições geográficas da região, sobretudo o difícil acesso aos centros produtores, levaram o sistema de aviamento a organizar-se em forma de cadeia vertical: no início o extrator do látex, e no final as firmas exportadoras; e intermediariamente uma série de “aviadores” – o comerciante das grandes cidades; o pequeno comerciante local; o patrão do seringueiro; e o regatão (PEDROSA, 2009, p.205).

Oportunamente temos o começo de um intenso comércio de produtos manufaturados correlatos com os que a elite manauara usava, mas de matéria-prima diferente e preços mais baixos. As porcelanas, cada vez mais caras pelo seu modo de fazer mais demorado e sua maior delicadeza, abriram as portas para entrada de produtos mais baratos nos estabelecimentos e casas, como a faiança e a faiança fina. Esses estabelecimentos como cafés, restaurantes, eram pontos sociais.

Os desafios e tentações de se viver numa cidade que muito prometia atraiu uma leva considerada de gente que vinha em busca da prosperidade e das oportunidades. Nesta última há de se destacar os fluxos próprios de quem vivia do comércio (PEDROSA, 2015, p.5).

A Av. Eduardo Ribeiro e as ruas que a cortavam e circundavam, que foi durante esta época uma das mais visitadas, tinha os melhores estabelecimentos e era bastante frequentada pela elite gomífera como ponto de vitrine social. Nessas avenidas pululavam casas importadoras especializadas na venda de artigos importados. Grande parte desses artefatos será usado na legitimação de costumes e hábitos da época. São objetos que podem ser vistos como fatores para o processo civilizador dessa nova Manaus, a cidade puramente estética, onde os que possuem certo grau aquisitivo tem voz suficiente para ditar regras ditas civilizadas e que acabam moldando uma cultura inteira durante um longo período de tempo. A inteligência e poder estão nas posses (ELIAS, 1994).

Vemos pessoas a mesa, seguimo-las quando vão para a cama ou se envolvem em choques hostis. Nestas e em outras atividades elementares, muda lentamente a maneira como individuo comporta-se e sente. Esta mudança ocorre no rumo de uma "civilização" gradual, mas se a experiência histórica toma mais claro que esta palavra realmente significa. Mostra, por exemplo, papel fundamental desempenhado nesse processo civilizador por uma mudança muito específica nos sentimentos de vergonha e delicadeza. Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe. Em conjunto com isto, move-se patamar do desagrado e medo, socialmente instalados. E desponta a questão dos modos sociogênicos como um dos problemas fundamentais do processo civilizador (ELIAS, 1994, p.14).

As louças podem nos revelar muito no que concerne às relações sociais estabelecidas na sociedade manauara deste período. Elas estavam presentes nos cafés da Eduardo Ribeiro, nos Armazinhos da Rua Municipal, nos Armazéns, nos comércios que vendiam da mais alta tecnologia, nos navios a vapor que chegavam e partiam, em casa, em todos os momentos. As louças têm capacidade para falar de poder, de ambientação, o que se pode e o que não se pode fazer.

Como figurativa deste sistema temos, por exemplo, as louças fabricadas pelo império Matarazzo, as IRFM. São 95 fragmentos que denotam a implantação do sistema capitalista e da crescente industrialização. As IRFM tem seu histórico ligado a própria figura representativa deste período; Francesco Matarazzo, estrangeiro, criador das Louças Matarazzo e de tantos outros produtos comercializados entre 1890 e 1950.

Essa foi a marca nacional com maior número de fragmentos encontrados em um dos sítios pesquisados no laboratório Alfredo Mendonça, o sítio histórico Catedral (2009). São noventa e cinco fragmentos distribuídos entre as Fábricas São Paulo e São Caetano. Esse material foi inventariado e catalogado para que fosse posto em perspectiva seu alcance social.

Baseando-se nas análises realizadas por Brancante (1981) as louças IFRM deste período poderiam ser classificadas como louça de *pó-de-pedra*, em outros trabalhos encontra-se louças semelhantes com a nomenclatura de faiança:

Tem semelhança com a porcelana, é de composição diferente com a moagem do feldspato e do quartzo a pó não muito fino, pois as partículas ficam visíveis e desiguais em tamanho, dando a impressão de pó de pedra. No comércio para efeito de propaganda é chamada de meia porcelana (BRANCANTE, 1981, p.707).

Diferentemente das louças brancas de Matarazzo, as louças com a marca Johnson Brothers se encontram em menor quantidade e são esteticamente melhores. São mais finas, mais leves, mais delicadas e mais claras.



Figura 03. LOUÇA IFRM – São Paulo.
Autor: ROSAS, Tammy, 2015

Segundo a classificação de Brancante (1981), as louças brancas da Johnson Brothers se encaixam na definição de faiança fina:

Faiança fina ou inglesa: Segundo Alexandre Bronguiart (Sèvres), a faiança fina pertence aos produtos de pasta dura e opaca, branca infuzível ao fogo de porcelana e com vidrado de chumbo. Porém, a sua composição é diferente da clássica faiança ou majólica. Sua pasta é produto ingredientes, conforme a fábrica que os aplica, é compacta e de forma geral

esbranquiçada, dispensando o engobe. [...] Chamada pelos ingleses de “cream coloured ware” ou “queen’s ware”, ou “White earthenware”. (BRANCANTE, 1981, p.705)

Segundo Zarucchi (2004) a empresa Johnson Brothers foi considerada a maior produtora e comerciante de louças durante 130 anos. Funcionou dos anos 1872 à 2002. Era uma empresa especializada em decorações para exportar principalmente para as Américas, onde eles estudavam as culturas e sociedades para reproduzir seus desenhos em porcelana.

A chegada dessas louças em Manaus pode ter ocorrido por diversos meios: importação e compra em algum estabelecimento de Manaus, através de troca ou presente, o proprietário pode ter adquirido também em viagem ao exterior ou através de sorteios de jornais.

Nesse momento em que tratamos sobre o intenso comércio desses produtos na região norte, devemos perceber que o sistema capitalista já estava em franco desenvolvimento arregimentando suas relações de produção e de mercado. Como principal expoente dessas relações temos os comerciantes locais que, dentre outras coisas, vendiam as mercadorias de consumo e muitas dessas vendas eram feitas a crédito. Este círculo vicioso, de certa maneira, fazia girar a economia na região norte de forma a criar um mercado em que se escoava a mercadoria, que por sua vez acabava por dinamizar setores importantes da sociedade manauara.

De fato, estamos tratando de como o sistema capitalista agia em detrimento de uma crescente industrialização que precisava de mercado, ou seja, as louças também serviram como bens de consumo que se apresentavam a um público, seja ele de baixa ou de alta renda, conseguindo um largo alcance e transformando-os em consumidores regulares.

Essas relações sociais serão mediadas através de novos hábitos que justificassem essa relação de consumo e fossem fetichizadas ao longo de toda a transição do século XIX-XX. Ora isso implicaria que esta sociedade estava também se moldando a novos costumes mediatizados pelo ritmo acelerado, pela abertura ao exterior e pelo contrastes gritantes da população.

Tanto o pequeno consumidor quanto o grande consumidor irão manter suas relações mediatizadas através do fetiche estabelecido em se comprar uma louça, não importando se

esta era uma faiança fina ou até mesmo porcelana, como uma faiança mais barata. O que importava no momento era a dissimulação social manifestada através do consumo de louças.

Segundo Latour (2002), essa relação social dos homens com os seus objetos e os fetiches estabelecidos quando estas se dão através das mercadorias, tendem a se multiplicar por toda a parte por eles mesmos (no caso os criadores do fetiche) e pelos produtores de ação, ou seja, os disseminadores.

A herança dos fetiches, agora recuperada, dispersa-se em uma nuvem de herdeiros, todos eles, legítimos. Após ter invertido a inversão da idolatria, após ter “retroprojetado” a retroprojeção da força, não é comigo, o indivíduo trabalhador, que se pode deparar de imediato, mas com um grupo, uma multidão, uma coletividade. Sob a fantasia do fetiche, agora dissipada, o humano esclarecido percebe que, por isso, não está mais sozinho, que divide sua existência com uma multidão de agentes. (LATOURE, 2002; 28)

CIVILIZAR É PRECISO: VAMOS TOMAR UM CHÁ NA MANAUS DO SÉCULO XIX-XX?

Qual a leitura de um passado cristalizado através de louças brancas da Manaus entre o século XIX-XX? Qual o intuito de se apresentar as louças como lugar de memória, para lembrar-nos de Nora (1993), de uma sociedade caracterizada pela virada do século e que toma como legítima e lugar de legitimação o convívio através das louças?

Constata-se que, durante esse período, ocorreu uma transformação na cidade e que foi experienciada na maneira como a sociedade irá adquirir e consumir seus objetos. Estes, muitas vezes, serão símbolos representativos de uma convivialidade brutal, fruto cujo intuito era erigir do barro uma “Paris”.

Cabe salientar que este artigo é fruto inicial de uma pesquisa que se pretende aprofundar muito mais sobre o tema em questão. Os muitos fragmentos de louças, recuperados nos sítios históricos de Manaus e depositados na reserva técnica do Laboratório Alfredo Mendonça de Souza, gritam por pesquisa à medida que crescem em número.

Faz-se necessário melhor compreender esse fenômeno social, econômico e político, não só em número, como também em conteúdo. Destarte, cumpre destacar que é primordial a pesquisa em sua esfera interdisciplinar. Esse todo, indicativo de posturas sociais e econômicas, precisa ser problematizado através de seus pequenos fragmentos.

Assim existem muitas lacunas ainda a serem preenchidas por esses pequeninos objetos esquecidos (DEETZ, 2010). De fato, nos parece evidente que possamos nos orientar por um contexto regional que irá influenciar sobremaneira o consumo dessas louças por parte diferenciadas da população.

O fato de se ter um costume de convívio social ligado as elites da borracha, não suprime o fato de se ter uma sociabilidade diametralmente ligada e associada ao consumo de louças “de baixa renda” por parte da população, que paulatinamente formará outro círculo social.

Assim teremos um consumo ligado a exposição pública, em que cabe salientar a própria transformação e embelezamento que a cidade clamava, como também teremos uma relação de trocas simbólicas desenvolvidas em âmbito familiar, doméstico e íntimo.

As louças em si estabelecem franca conexão com um mundo de consumo que será evidenciado em diferentes partes do mundo. Dessa maneira sua natureza material pode ainda elucidar essas relações socioculturais.

Quando se lida com o passado em busca de informações e significações, é necessário, muitas vezes, se dar conta de duas premissas: a primeira relacionada aqui com a cultura material trabalhada de que as louças um dia foram consideradas bens culturais e como tal acondicionada em reserva técnica a espera de pesquisa; a segunda diz respeito a como estas serão utilizadas em suas regionalidades.

Ao analisar as louças brancas da Manaus antiga como fruto de sua época e que, portanto, deve ser vista em suas peculiaridades. A pesquisa aqui representada percebe como a cultura de consumo modifica a sociedade, como é modificada por sua cultura (LIMA, 1985).

Segundo Souza (2012), as louças são um potencial no que tange aos estudos sobre os grupos sociais que as consumiam. Sabemos muito no que diz respeito a cultura de elite que foi caracterizada e marcada pelos bondes modernos, pela eletricidade, pelo porto artificial. Mas, visitando a grande quantidade de louças, podemos saber ainda como se dava essa convivialidade nos espaços domésticos e íntimos.

Bem como, as louças nos abrem portas largas para entrever sobre parte da população que de repente se viu a margem dessa atmosfera moderna que a cidade de Manaus passou muito repentinamente. Entender como o indivíduo comum e de baixa renda também fazia uso desse bem de consumo.

Ainda no que concerne as relações de bens de consumo, as louças brancas da Manaus em transição nos exemplificam como a incipiente industrialização irá encontrar um mercado local próprio ao período e como se dará o mecanismo capitalista nos centros urbanos.

Esse universo passou a fazer parte de um cotidiano, não só através da materialidade, mas de uma imaterialidade imanente. As louças foram massificadas como produtos do sistema de aviamento. Através de suas casas comerciais, as marcas eram massificadas nos periódicos de época a fim de moldar hábitos e transformar a população em potenciais compradores.

O chá da tarde na Manaus da Belle Époque atesta que junto ao conjunto de louças formados por bules, xícaras, pratos, pires, e que compunha um ritual simbólico das transformações ocorridas na época, práticas sociais estão sendo cingidas em acordos implícitos aliados a uma lógica fetichista de consumo. Elas nos convidam a fazer parte de um rito de passagem que marca diferentes eixos econômicos da população manauara, e que podem ainda nos dizer muito sobre o cotidiano dessa população durante esse período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga, 1981.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis, 1998;

COSTA, Diogo M. **Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira**. Arqueologia/Artigos, 2013, p.30-32.

DEETZ, James. **In Small Things Forgotten: An Archaeology of Early American Life**. United States: Knopf Doubleday Publishing Group, 2010.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

KERN, Arno Alvarez. **La reconstitución arqueologica del pasado: el papel de las teorías como instrumental heurístico**. Revista Literatas, v. 1, p. 03-16, 2013.

LATOURET, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses Fe(i)tiches**. Bauru: Edusc, 2002.

LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas**. Comunicação apresentada ao I Seminário de Arqueologia Histórica. SPHAN/FNPM, outubro de 1985, Rio de Janeiro. 13p.

LIMA, Tânia Andrade. **Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX**. In: Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material, ed. Nova Série Universidade, vol.3 São Paulo, 1995.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, p. 7 a 26, dez. 1993

PEDROSA, Tatiana de Lima. **Lugares de Nossas Memórias: A Baratinha**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História., 2015, Florianópolis. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos desafios., 2015.

POMIAN, K. Coleção. In: ROMANO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi, vol.1**. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

ORSER JR., C. E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte, 1992. Editora: Oficina de Livros.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **História geral da Amazônia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: MEMVAVMEM, 2009.

SANTOS, Roberto. ***História econômica da Amazônia (1800-1920)***. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SAHLINS, Marshall. ***Cultura na prática***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SAMPAIO, Patrícia Melo. ***Posturas municipais, Amazonas (1838-1967)***. Manaus: EDUA, 2016.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro. ***Manaus da Belle Époque: tensões entre culturas, ideais e espaços sociais***. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN, julho de 2013, 16p.

SOUZA, Rafael de Abreu e. ***Tigela, café e xícara: diversidade formal e dinâmicas de consumo na produção das louças brancas da cidade de São Paulo no começo do século XX***. Anais do Museu Paulista, vol. 20, núm. 2, julho-diciembre, 2012, pp. 11-51

SYMANSKI, L. C. Pereira. ***Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil***. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. (Ed.). *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002, p.31-62.

WEINSTEIN, Barbara. ***A borracha na Amazônia: expansão e decadência – 1850-1920***. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993.

ZARUCCHI, J. M. ***Visions of America: Johnson Brothers Pottery in the US Market, 1872-2002***. The Journal of Popular Culture, vol.38, Issue 1, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0022-3840.2004.00106.x>. Acesso em 29 de abril de 2018.